

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

TRÊS VEZES JOAN BENNETT
9 e 15 de Junho de 2023

BULLDOG DRUMMOND / 1929

um filme de F. RICHARDS JONES

Realização: F. Richards Jones *Argumento:* Sidney Howard a partir da peça homónima de H. C. McNeile (creditado como Sapper) *Fotografia* (35 mm, preto-e-branco): George S. Barnes, Gregg Toland *Montagem:* Frank Lawrence, Viola Lawrence *Música:* Hugo Riesenfeld *Direcção artística:* William Cameron Menzies *Interpretação:* Ronald Colman (Hugh "Bulldog" Drummond), Claud Allister (Algy Longworth), Lawrence Grant (Dr. Lakington), Montagu Love (Carl Peterson), Wilson Bengé (Danny, criado de Drummond), Joan Bennett (Phyllis Benton), Lilyan Tashman (Irma), Charles Sellon (John Travers), Adolph Milar (Marcovitch), Tetsu Komai (Chong), Gertrud Short, Donald Novis, Tom Ricketts, etc.

Produção: The Samuel Goldwyn Company (EUA, 1929) *Produtor:* Samuel Goldwyn *Cópia:* 35 mm, preto-e-branco, versão original em inglês com legendas electrónicas em português, 90 minutos *Estreia:* 2 de Maio de 1929 (em França foi distribuída uma versão muda) *Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca.*

NOTA

A cópia 35 mm que vamos apresentar tem algum ruído de fundo associado às características de uma banda de som de densidade variável bem como ao facto de se tratar de um filme do período da transição do mudo para o sonoro. Num breve excerto de uma bobine final a imagem tem pequenas manchas de emulsão. Fica notado.

"Any excitement." É o que procura o protagonista deste filme realizado por F. Richards Jones, produzido por Samuel Goldwyn e interpretado por Ronald Colman, ao publicar um anúncio no *Times* oferecendo os seus préstimos em troca de um pouco de emoção. A preceito de tal anseio responde o enredo seguindo o fio da ajuda oferecida por Drummond a uma jovem angustiada com o que se passa com um tio hospitalizado por colapso nervoso, por quem entretanto se apaixona com correspondência. O veterano britânico da Primeira Guerra Mundial insatisfeito com a pacatez da vida civil que procura experiências aventurosas na pele de homem galante vem de antes e tem uma história: Bulldog Drummond é uma personagem de ficção literária criada por H. C. McNeile em 1920 que teve também uma existência gráfica, teatral, radiofónica... No cinema a sua primeira vida aconteceu em 1923 e em 1925, nas duas primeiras adaptações ao cinema, mudas, tendo-se prolongado nos anos 1930 britânicos numa série de outros filmes. Em Hollywood, 1929, *Bulldog Drummond* faz parte das produções que participaram da passagem do mudo ao sonoro, do princípio da era dos filmes falados em que, em casos como este, se exploraram as potencialidades da nova tecnologia.

O genérico ilustra, apresentando o filme como a adaptação "talking screen" da peça assinada por Sapper, "The famous comedy-melodrama". A distribuição do elenco faz-se em dois planos que mimetizam um programa de teatro; num terceiro plano, os dados geográfico-temporais situam a acção: "O onde, Londres; O quando: hoje." E é Londres, ao som das badaladas do Big Ben, que as vistas gerais devolvem de início, antes de se fecharem no primeiro cenário interior de um noturno clube de veteranos em que impera o silêncio e a sisudez sublinhados pela grandiloquência vertical do espaço. Os propriamente ditos cenários (William Cameron Menzies foi nomeado para o Óscar de melhor direcção artística desse ano) participam da mise-en-scène e jogam muito particularmente com o desenho de movimentos de câmara como os céleres travellings dianteiros. O primeiro ocorre na sequência inicial precipitando-se até à sala em que um eloquente letrado numa porta imponente institui SILÊNCIO. O raccord com o tique-taque de um relógio de parede é, logo a seguir, um exemplo inicial do "catálogo" de sonoridades que rompem – e comentam – a circunspecção dominante. Uma colher que cai ao chão, por exemplo.

Ao longo de todo o filme há apontamentos do género, pequenos achados filmados com um evidente gosto. A primeira frase vocífera contra tal afronta. O primeiro assobio, de Drummond, ainda no clube de cavalheiros que abandona enfadado na companhia de um desapressado travelling lateral, é outro desses

apontamentos. Haverá música, dança, buzinas, barulho de motor automóvel, mais assobios. E as falas, muita fala. *Bulldog Drummond* foi o primeiro *talkie* de Ronald Colman e de Joan Bennett, que encontrou em Phyllis o primeiro papel de algum relevo no mesmo ano em que participou na produção histórica *Disraeli* (Alfred E. Green, 1929) protagonizada por George Arliss e Doris Lloyd. A atriz contava 20 anos e levava dois de experiência no palco da Broadway. A época estava a ser mais risonha para a irmã Constance, outra das estrelas do clã de actores Bennett, para quem Hollywood foi mais depressa hospitaleira. Joan teria de esperar por finais da década seguinte para brilhar verdadeiramente, depois do encontro com Raoul Walsh, em *Me and My Gal*, *Wild Girl*, *Big Brown Eyes*. Havia de filmar muito, firmando uma das mais persistentes travessias de atriz dos estúdios de Hollywood em que foi sobretudo feliz nesses anos 1930 e nos 1940, na sua vida de atriz por vezes *noir* e fatal, por outras vezes trabalhando outros registos, mesmo com Fritz Lang que, antes das histórias de monstros, ruas, segredos de portas fechadas, primeiro a filmou na grande firmeza vulnerável da personagem de *Man Hunt*. Talvez a sua mais pungente interpretação.

Neste *Bulldog Drummond* Joan Bennett entra em cena completamente velada de negro, uma silhueta elegante que demora o seu tempo a descobrir-se atrás do véu e das vestes com as quais se disfarça tentando escapar às potencialidades malévolas que intui por trás do hospital em que está internado um tio que padece dos nervos. O enredo é de mistério criminal, estando o laivo romântico garantido a partir do momento em que a rapariga assim chega ao filme, e ao hotel em que Drummond se instalou a seu pedido no encaixe do mistério que parece consumi-la. Um vulto ofegante. Nos primeiros planos sem véu, dois grandes planos, uma presença promissora se bem que nem todos a olhem assim.

A informação encontra-se em *The Bennetts An Acting Family* (2004), o livro de Brian Kellow que esmiuça a travessia de mais ou menos um século da família Bennett pelos palcos e ecrãs americanos (1870-1990): na revoada de *movie tests* em Hollywood que os actores de teatro foram chamados a fazer quando as vozes de boa parte dos grandes actores do cinema mudo revelaram o divórcio com a tecnologia do sonoro, Joan também os fez para os estúdios da Fox e para a Famous Players-Lasky, sem que tivesse impressionado. Foi Samuel Goldwyn, para a United Artists, a lembrar-se dela quando procurava par feminino para Ronald Colman num primeiro *talkie*. Tanto Bennett como Colman haviam tido pequenas participações no filme *The Eternal City* (George Fitzmaurice, 1923), por ele produzido e fora também ele o produtor de *Cytherea* (George Fitzmaurice, 1924), que lançara Constance, a outra irmã Bennett que singrou em Hollywood. Joan recusou o teste que lhe propuseram mas aceitou a subsequente proposta de filme, abandonando o elenco da peça *Hot Bed* então em cena na Broadway. Não terá sido um primeiro papel fácil, desde logo porque Samuel Goldwyn não lhe facilitou a vida, reagindo com desagrado à projecção das primeiras *rushes*, medindo-a, em desfavor, com a irmã Constance.

“Não foi uma época especialmente construtiva para o ego”, terá escrito Joan, citada por Kellow, que em seguida inventaria razões plausíveis para a decepção do produtor, da “fraca personagem da jovem-em apuros característica de uma intriga detectivesca” ao “desconforto de Joan à frente da câmara” ou ao tom elevado da sua voz nas falas à imagem de “muitos actores da época adaptando-se à nova e pouco familiar tecnologia”. No mesmo parágrafo Kellow concede, no entanto, que com a progressão narrativa há cenas e planos em que a personagem de Phyllis permite a Joan que revele “uma qualidade de delicadeza e espontaneidade que é o ponto alto do seu desempenho” e sugere claramente a matéria de que são feitas as estrelas. De qualquer modo, *Bulldog Drummond* correu-lhe bem no sentido em que foi bastante visto e lhe abriu algumas portas. É além disso, um filme bastante estimável, menos pelas curvas narrativas do que pelos gestos de inventividade sonora, de *mise-en-scène*, a velocidade dos *travellings*, a presença dos actores. Ou cenas como a do detective Drummond amarrado “a dinamite” a uma cadeira de prisioneiro, a da chantagem de que é o mesmo Drummond é alvo com Phyllis adormecida num tampo de mesa que lembra o risco de uma operação iminente. Ou tiradas como esta: “I don’t like drama.”

Maria João Madeira